

CASAS SENHORIAIS E SEUS INTERIORES EM DEBATE

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

Organização
Ana Pessoa
Marcia Nunes

Casas senhoriais e seus
interiores em debate:
estudos luso-brasileiros

ORGANIZAÇÃO
Ana Pessoa
Márcia Nunes

Casas senhoriais e seus interiores em debate: estudos luso-brasileiros

Fundação  **Casa de Rui Barbosa**

Rio de Janeiro
2021

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo
Carlos Alberto Gomes de Brito

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente
Letícia Dornelles

Diretor Executivo
Carlos Fernando Corbage Rabello

Diretora do Centro de Pesquisa
Marta Maria Alonso de Siqueira

Chefe do Setor de História
Marcos Guedes Veneu

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Fotografia da capa
Edson Silva de Aquino Júnior

Preparação de Texto
Lucas Giron | Tikinet

Projeto gráfico e Diagramação
Nero Corrêa | Tikinet

Ficha catalográfica

Casas senhoriais e seus interiores em debate [recurso eletrônico]:
estudos luso-brasileiros / organização Ana Pessoa; Márcia
Nunes. -- Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa,
2021.
70.204 *Kbytes* ; PDF (704 p.)
ISBN 978-65-88295-10-6

1. Casa senhorial. I. Pessoa, Ana, org. II. Nunes, Márcia, org.

CDD 728.372

Bibliotecária: Letícia Krauss Provenzano - CRB-7/6334

Fundação Casa de Rui Barbosa
Rua São Clemente 134, Botafogo
22260-000, Rio de Janeiro, RJ
www.casaruibarbosa.gov.br

Sumário

Apresentação	8
I. Proprietários, mecenas e artistas: vivências e rituais	13
Casa São Roque: enobrecer uma residência simples	14
<i>Domingos Távares</i>	
A casa senhorial urbana de Sebastião de Barros Silva em Limeira-SP	33
<i>Renata Baesso Pereira</i> <i>Ana Clara Lambert Rodrigues</i>	
Sobre baronesas, pincéis e decoração: Francisca Breves, a baronesa de Guararema	54
<i>Ana Pessoa</i> <i>Ana Lúcia Vieira Santos</i> <i>Douglas Fasolato</i>	
Entre dois mundos: casas rurais e urbanas da família Carneiro Leão	73
<i>Ana Lúcia Vieira dos Santos</i> <i>Ana Pessoa</i> <i>Douglas Fasolato</i>	
As origens da Chácara do Paraíso, em Nova Friburgo	90
<i>Carolina de Moraes Calvente</i>	
Arquitetura e vida moderna: casas e palacetes da nova capital de Minas	107
<i>Ricardo Giannetti</i>	
José Sidrim: um senhor das casas senhoriais	124
<i>Ana Léa Nassar Matos</i>	
Grafia dos afetos: cartas a José Sidrim e a relação entre proprietários e construtores na Belém do ecletismo	141
<i>Mateus Carvalho Nunes</i> <i>Pietra Paes Barreto</i>	
Palacete Orlando Lima – Belém-PA	162
<i>Dulcília Maneschy Corrêa Acatuassu Nunes</i>	
Solar Barão de Guajará: de residência de Domingos Antônio Raiol a Instituto Histórico Geográfico do Pará	176
<i>Elna Maria Andersen Trindade</i> <i>Francianny Keyla Cabral Moraes</i>	
Uma residência aformoseada por um bosque: o Palacete Amyntas de Lemos	193
<i>Maria de Nazaré Sarges</i> <i>Luís Augusto Barbosa Quaresma</i>	
II. Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço	208
Espaços do feminino na casa senhorial: da câmara e do estrado à casa de estrado, casa de lavor e toucador	209
<i>Helder Carita</i>	

Das alcovas à prataria: o programa distributivo original do Palácio Itapura (Campinas-SP, 1883-1902) a partir da análise de inventários	231
<i>Ana Beatris F. Menegaldo</i>	
<i>Renata Baesso Pereira</i>	
Solar Monjardim: da casa colonial à casa-museu – Vitória (ES)	260
<i>Luciana Nemer Diniz</i>	
Morar aristocrático no Flamengo: particularidades da residência	
Martins de Almeida	276
<i>Denise Vianna Nunes</i>	
A casa senhorial do Engenho Murutucu: análise tipológica e morfológica e a essência reconhecida nos desenhos de Serlio e Palladio	290
<i>José Marques Morgado Neto</i>	
<i>Fernando Luiz Távares Marques</i>	
Acessos, circulações e hierarquias: as transformações na compreensão do espaço residencial no Palacete Bolonha	320
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Caroline Meireles F. Rodrigues</i>	
<i>Ailla Caroline de Carvalho Raiol</i>	
Cronologia construtiva e decorativa do Palacete Bibi Costa como expressão do <i>zeitgeist</i> em Belém do Pará	335
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Ronaldo Marques de Carvalho</i>	
<i>Beatriz M. Maneschy</i>	
Classicismo no Solar do Barão do Guamá: estudos de planos e volumes de uma casa burguesa em Belém do Pará	354
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Ronaldo Marques de Carvalho</i>	
<i>Vithória C. da Silva</i>	
Palacete Aurélia Passarinho: o jardim e a moradia	375
<i>Pietra Paes Barreto</i>	
<i>Ana Léa Nassar Matos</i>	
III. A ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, para-ventos e outros bens integrados	389
O ecletismo no Palácio de Landi: análise ornamental e espacial da intervenção de Augusto Montenegro	390
<i>Elna Maria Andersen Trindade</i>	
<i>Mateus Carvalho Nunes</i>	
Parque da Residência: a casa dos governadores do Pará no século XX	411
<i>Edson Silva de Aquino Júnior</i>	
<i>Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes</i>	
O uso do ferro nos palacetes de Belém: Paris N'América, Augusto Montenegro e Parque da Residência	423
<i>Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes</i>	

O ornamento na pintura decorativa oitocentista fluminense	438
<i>Ana de Paula Tórem</i>	
Um olhar investigativo sobre pinturas parietais de casa senhorial da Campanha Gaúcha	452
<i>Mônica de Macedo Praz</i>	
<i>Carlos Alberto Ávila Santos</i>	
Papel de parede e as casas senhoriais: a Casa da Hera como exemplo	472
<i>Carlos Gonçalves Terra</i>	
<i>Katia Maria de Souza</i>	
IV. O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar	486
A heráldica e a aristocratização dos ambientes em Portugal nos séculos XVIII a XX	487
<i>Gonçalo de Vasconcelos e Sousa</i>	
Viver com arte: decoração e coleções nos interiores das casas senhoriais de fins do século XIX em Portugal e Brasil	505
<i>Marize Malta</i>	
Uma viagem pelos interiores senhoriais do Brasil através do mobiliário do Museu Casa da Hera	529
<i>Katia Maria de Souza</i>	
<i>Andreia Maria da Silva</i>	
Trazendo o mundo para dentro de casa: a Casa Museu Eva Klabin no Rio de Janeiro	546
<i>Ruth Levy</i>	

Solar Monjardim: da casa colonial à casa-museu – Vitória (ES)

*Luciana Nemer Diniz*¹

INTRODUÇÃO

No século XVI, Vasco Fernandes Coutinho chegou ao Espírito Santo e foi o primeiro donatário da capitania.

A colonização do Espírito Santo seguiu a lógica da expansão portuguesa e implantou os seus núcleos urbanos que eram planejados sob princípios da engenharia militar, que delineava seus primeiros passos adotando as inovações técnicas e científicas do Renascimento.² A formação de Vitória foi promovida pelo Estado e pela Igreja, que eram os principais agentes modeladores das cidades coloniais brasileiras.

Os portugueses ocupavam o litoral, entre o mar, a selva e as tribos, e com sua participação, no século XVI e XVII, houve o desenvolvimento da agricultura baseada no açúcar que se transportava pelos rios e pela costa. O Brasil colonial foi marcado pela exportação de matérias-primas para Portugal. Produtos como o pau-brasil e o açúcar eram embarcados com a utilização de mão de obra indígena e escrava.

Em meados do século XVIII, o Espírito Santo assumiu a função de defesa do ouro das Minas Gerais. Sendo assim, foi proibida a construção de estradas que ligassem o litoral à rica Capitania das Gerais,³ portanto, o escoamento do ouro só aconteceu neste período pelo porto do Rio de Janeiro.

Com a abertura dos portos em, 1808, Vitória passou a comercializar com Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e o exterior. Segundo Souza e Ribeiro, os cais e trapiches da borda do canal eram movimentados por uma economia de subsistência, mas havia a exportação de açúcar, madeira e tecido de algodão.⁴

A ocupação espacial de Vitória nos primeiros séculos se restringiu ao seu núcleo histórico, com edificações locadas na área de topografia acidentada, onde o solo era firme. Estas eram construídas em ladeiras, evitando o risco dos alagamentos pela alta das marés.

Somente no século XIX foram abertas as vias de comunicação para o interior do território colonial, e em 1823, a Vila de Nossa Senhora da Vitória foi levada à categoria de cidade, capital da província do Espírito Santo.

Através da produção cafeeira, que começou tímida, em 1811, o estado do Espírito Santo conseguiu a interligação com o mercado internacional. As consequências da expansão foram: o desbravamento da floresta, a imigração,

a construção de ferrovias e de estradas, a navegação a vapor e o desenvolvimento da capital.

O café foi decisivo para a modificação da situação econômica do estado, chegando a representar 94,33% das exportações capixabas.⁵

HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO

Em 1767, o que hoje é o bairro de Jucutuquara era uma fazenda e a área que atualmente corresponde ao centro da cidade era a Vila de Vitória.

O nome Jucutuquara é dado a um pico de 296 metros, Pico dos Dois Olhos, cuja forma com dois buracos faz relação aos olhos do pássaro, em língua indígena: Jucu-ita-quera e também Yticutuquara que significa conchas suspensas [...] Frente a nós, no topo da serra situada da outra banda, vimos o notável rochedo de Jucutuquara, situado não longe da Vila de Vitoria [...] Diante dele, mais perto do rio, fica a aprazível fazenda Rumão.⁶

Ainda no século XIX, a agricultura capixaba era baseada numa economia de subsistência, mas havia a exportação de açúcar, madeira e tecido de algodão. Em Jucutuquara, como em outras regiões de vale da ilha, as culturas eram: o algodão, a cana-de-açúcar, a mandioca e posteriormente o café. O cultivo se estendia também a mamona, cereais, hortifrutigranjeiros e produção de sal pela proximidade do litoral.

A distância da fazenda à Vila de Vitória, que corresponde a 3km, era percorrida a cavalo, e seus limites abrangiam grandes áreas verdes, mangais e morros, chegando à baía de Vitória. A área da fazenda englobava o que hoje são os bairros de Fradinhos, Maruípe e Jucutuquara. Conforme Gomes, essa região era conhecida como Vila dos Monjardim até o século XIX.⁷ Rocha informa que da propriedade original hoje restam 20.706,50m², nos quais se insere a edificação com 406,61m² de área construída.⁸

A autoria do projeto da sede é desconhecida. Sua implantação à meia encosta justifica-se para o controle das terras, a proteção contra ataques de índios e a maior ventilação. A proximidade do córrego de Jucutuquara permitia a geração de energia para o engenho e a proximidade da baía era fundamental para a comunicação e escoamento da produção.

Vale ressaltar que a vila e seus arredores situavam-se numa ilha onde era fator relevante a ligação com o porto e com o continente. O transporte para estes era realizado por via marítima ou pela ponte da passagem (1801), que ficava localizada na direção oposta à área central, porém no ponto mais estreito para transposição.

A fazenda Jucutuquara era cercada de árvores frutíferas e o nome de sua sede – Solar Monjardim – foi dado em referência à família proprietária. O solar, que foi construído em 1805 e mantido pela família por 150 anos, é um dos raros exemplos remanescentes da arquitetura rural da América

Portuguesa, tendo sido sede de uma das mais tradicionais fazendas do período colonial dedicada também à pecuária (gado).

De acordo com Gomes o solar foi construído no final do século XVIII, por determinação do capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo, antigo Governador da Província do Espírito Santo.⁹

A propriedade pertenceu aos padres da Companhia de Jesus, ao comerciante Gonçalo Pereira Pinto, ao capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo, a Ana Francisca de Paula e ao coronel José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, do qual herdou o nome.¹⁰

No ano de 1816, a chácara passa aos Monjardim, como dote de casamento de d. Ana Francisca Maria da Penha Homem de Azevedo, filha única do capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo, com José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, filho do capitão-mor e governador Inácio João Monjardim (1742-1822) e d. Ana Luíza Porto.¹¹ A Figura 1 apresenta três fotografias: coronel José Francisco Monjardim, d. Anna Francisca Maria da Penha Benedicta Homem de Azevedo Monjardim e Alpheo Adelpho Monjardim de Andrade Almeida.

Para Franco os antecedentes mais antigos da família Monjardim remontam ao século XIII, em Gênova, Itália. O nome Monte Giardino quando chega a Portugal transforma-se em Monjardino.¹² A alteração para Monjardim ocorreu provavelmente pela onda nativista dos primeiros anos da independência do Brasil.

Inácio João Monjardino, segundo Franco, chegou em 1772 à Vila Velha e em 1782 comandava o Forte de São Francisco Xavier de Piratininga. Neste ano foi nomeado capitão-mor e governador da capitania, permanecendo por dezesseis anos.¹³

José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, filho de Inácio João Monjardino (1742-1822) e pai do barão de Monjardim (presidente da Província

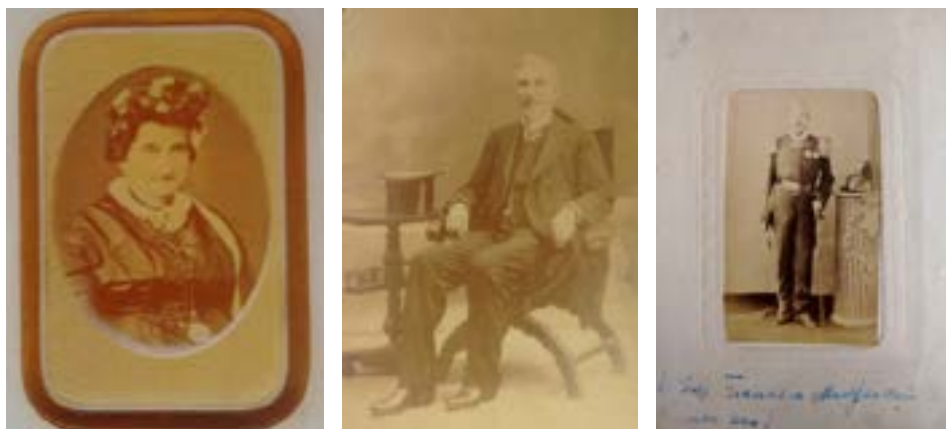


Figura 1 – Da esquerda para a direita, d. Anna Francisca Monjardim, coronel José Francisco Monjardim e Alpheo Adelpho Monjardim. Fonte: MSM, 2017.

do Espírito Santo), nasceu em Vitória em 1797 e também seguiu carreira militar. De acordo com Franco, foi para o Rio de Janeiro abraçar a carreira militar e, de volta à capitania, no posto de alferes, casa-se com d. Anna Francisca Maria da Penha Benedicta Monjardim, nascida em 1797, filha do capitão-mor Francisco Homem Pinto de Azevedo.¹⁴

Do ano de 1816 até 1940, a propriedade e residência rural pertenceram à família Monjardim. A descrição da propriedade por Saint-Hileire, naturalista francês, que se hospedou no solar no início do século XIX, acrescenta informações importantes:

A habitação de Jucutuquara, para a qual me dirigia, estava construída na localização mais agradável. Era grande, regular e erguia-se à meia encosta sobre o monte coberto de erva rasteira. Em frente à casa estende-se um vale cortado por um regato ladeado por montanhas cobertas de mato, a mais notável das quais era a que dá nome à própria habitação. Grandes rochedos estão dispersos pelo vale. Um engenho e choupanas de negros foram construídos à direita e à esquerda, abaixo da residência do dono. Na extremidade do vale, havia uma plantação de cana-de-açúcar, no meio da qual a vista pousa sobre um grupo de elegantes palmeiras; vêm a seguir os mangues; mas adiante divisa-se parte da baía e, além, algumas montanhas que a limitam ao sul.¹⁵

Alpheo Adelpho Monjardim de Andrade Almeida foi agraciado barão em 1889 e mesmo após sua morte, em 1924, a propriedade, já então desmembrada por força de partilhas, continuou como moradia de seus descendentes.¹⁶ Sucessivos desmembramentos e vendas das terras do barão e de seus descendentes foram ocorrendo para a formação do bairro de Jucutuquara e a necessidade de expansão da malha urbana da capital. As pressões do mercado de terras e do próprio governo para a formação do primeiro bairro operário da cidade motivaram a dissolução da propriedade no século XX. Em 25 de outubro de 1940, o prédio foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan).

Os terrenos que formavam a chácara Barão de Monjardim, cujo último proprietário foi Manoel Francisco de Freitas Calazans, foram loteados, por sua determinação, em 1954, de acordo com o Decreto Municipal de 06 de fevereiro, nº. 2457 [...] o imóvel foi alugado ao governo do Estado e a partir de 1942 e de 1944 a 1964 abrigou o Museu Capixaba.¹⁷

O museu, inaugurado em 1939, funcionava até então no antigo Quartel da Polícia Militar no centro da cidade. O acervo do Museu Capixaba foi proveniente de coleções do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e também do acervo de Olinto Aguirre.

Em 1964 passou a ser gerido pela Secretaria de Difusão e Produção Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), abrigando então o Museu de Arte e História, que unificou os acervos do Museu Capixaba e do Museu de Arte Sacra. Conforme Gomes, com a criação da Ufes, o governo

da União se interessou em desapropriar o imóvel, que foi adquirido pela Fundação Nacional Pró-Memória na década de 1970.¹⁸

No ano de 1966, informa o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), ocorreu o início da ação para a desapropriação da área com o intuito de preservar a integridade da chácara, processo concluído em 1968.¹⁹ A desapropriação foi fundamental para a concretização da transferência para a Ufes. No ano de 1966, o prédio recebeu também o acervo do Museu de Arte Religiosa do Espírito Santo (que funcionava na Capela de Santa Luzia desde 1945), passando a ser conhecido como Museu de Arte e História da Ufes, que funcionou até 1969.

De 1969 a 1972, foram efetuadas obras de recuperação, ficando o prédio ainda fechado à visitação pública. Nesse período, após as gestões ocorridas entre o Iphan e a Ufes, o museu é reaberto.²⁰ Em 1980 é inaugurado o Museu Solar Monjardim, ainda sob administração da Ufes, e a proposta, mantida até os dias atuais, foi de reconstituir uma residência rural e o contexto sociocultural de uma família abastada.

Após 20 anos sob gestão da universidade, passa a ser administrado pela 6ª Sub-regional/Iphan, e assim permanece até 2009. Em 2001 passou a abrigar, no pavimento inferior, a sede da então 6ª Sub-regional da 6ª Superintendência Regional. Desde 2009, o museu público histórico brasileiro passou a integrar a rede de museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a quem cabe a administração. O Ibram é uma autarquia que surgiu a partir da cisão do antigo Departamento de Museus do Iphan (Demu). O Museu Solar Monjardim é o único museu federal em Vitória vinculado ao Ministério da Cultura.

DOS PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS E AMBIENTES: DA SEDE DA FAZENDA À CASA-MUSEU

O edifício possui planta retangular coberta por telhado de quatro águas de telha, canal com beiral terminando em cachorro. A camarinha, construída em meados do século XIX, ocorreu em função do aumento da família e da necessidade de ampliação. Após a reabertura do museu, este cômodo foi ambientado como local das moças solteiras e das crianças.

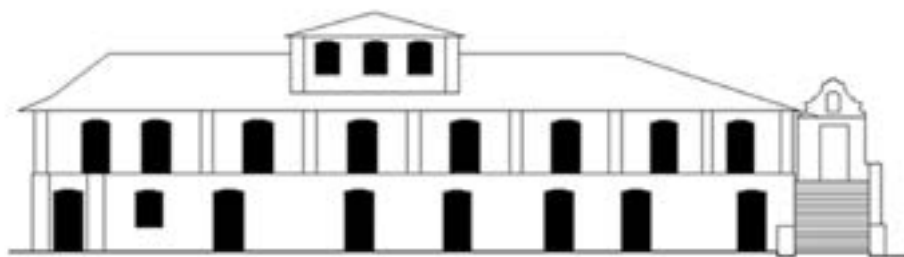
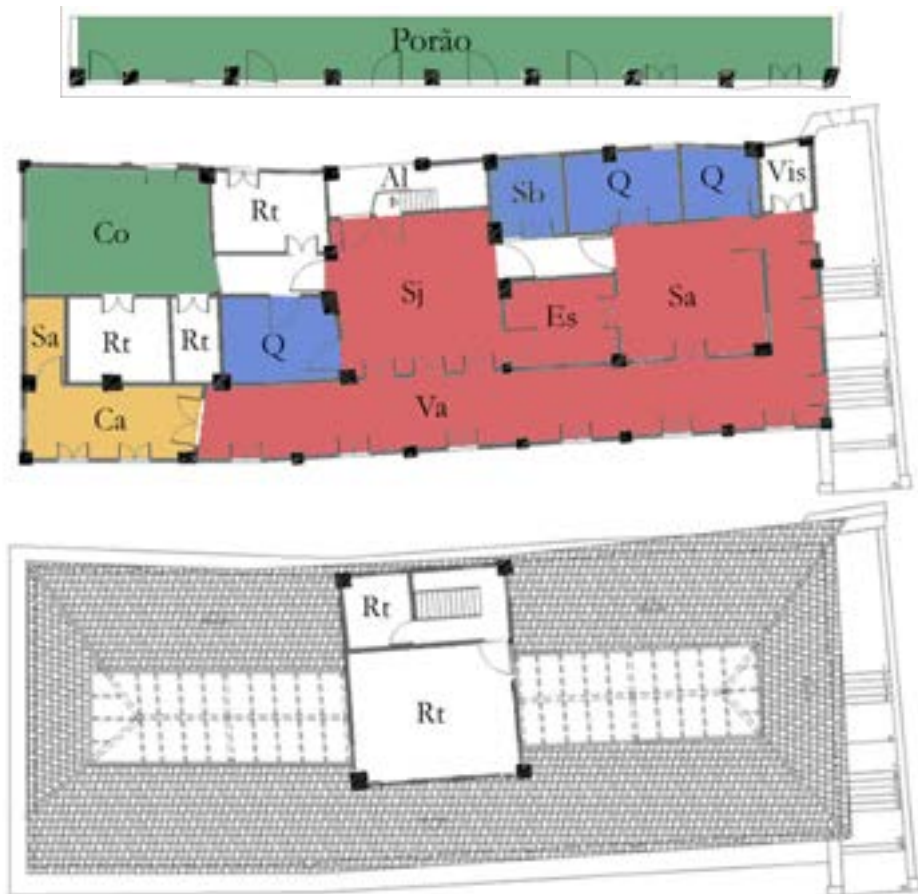


Figura 2 – Fachada Solar Monjardim: relação de cheios um pouco superior aos vazios, vãos desalinados. Fonte: Iphan Arquivos da 21ª SR.

A arquitetura do Solar Monjardim não deixa dúvida sobre sua origem barroca, no modelo típico da arquitetura mineira setecentista e, antes ainda, com componentes claros da arquitetura bandeirista introduzidos pelos paulistas nas terras das Minas Gerais.²¹ A forma do solar está ligada à origem dos proprietários e a aspectos regionais. A construção de aspecto maciço apresenta predominância de cheios (alvenarias) sobre os vazios (esquadrias) (Figura 2).

Ao descrever a casa bandeirista em seus programas, Lemos afirma que estes são condicionadores do partido arquitetônico. Apresenta em sua explicação a casa de Antônio Toledo Lara, cuja implantação em meia encosta se assemelha a do Solar Monjardim.²²



Legenda:

● setor de serviço; ● setor íntimo; ● setor social; ● setor religioso;

Vis – recepção visitantes; Va – varanda; Sa – sala; Es – escritório; Sj – sala de jantar; Ca – capela; Sa – sacristia; Q – quarto; Sb – sala de banho; Co – cozinha; Al – alpendre; e Rt – reserva técnica.

Figura 3 – Plantas do porão, 1º pavimento e camarinha: Solar Monjardim. Fonte: *Solar Monjardim: um estudo sobre a arquitetura rural capixaba*, p. 74-77.

O casarão hoje em dia possui, conforme exemplificado na Figura 3, duas salas, escritório e uma longa varanda onde se localiza a capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo e a sacristia. O setor íntimo está formado por três quartos (a camarina está funcionando como depósito) e sala de banho. Compõem ainda a planta: o porão, a recepção dos visitantes, a cozinha, duas circulações, alpendre e reservas técnicas.

Quanto à casa bandeirista rural, quase nada sabemos de positivo em relação ao programa que a norteou, como já dissemos, e volta e meia voltaremos aqui a este assunto intrigante ou instigante, que nos leva a conjeturas variadas, às vezes muito ligadas ao excesso de imaginação, como surgem alguns textos de autores que trataram do tema. Mas um fato é certo: por mais de duzentos e cinquenta anos a planta e mesmo o partido arquitetônico da casa roqueira colonial da bacia do Tietê não tiveram alterações significativas.²³

Assim como nas casas descritas por Carlos Lemos, no Solar Monjardim, o alojamento dos escravos e pequenas indústrias caseiras eram externos ao prédio. O solar teve a sua configuração interna alterada em função das adaptações a diferentes usuários durante vários períodos históricos e utilização contínua. Gomes afirma que algumas reformas foram responsáveis por descaracterizar a construção com a conseqüente demolição de elementos que particularizavam alguns ambientes, o que leva à incerteza de alguns aspectos da sua distribuição espacial original.²⁴

No primeiro pavimento, o porão abriga a administração do solar. Pelo desnível do terreno, o porão não possui muita profundidade como pode ser observado na Figura 3 e na fachada lateral esquerda, representada pela aquarela produzida pela autora, o que é demonstrado na Figura 4.



Figura 4 – Solar Monjardim: fachada lateral esquerda e frontal. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

Apresentando apenas uma janela e sete portas, é um ambiente longo antes utilizado como depósito. A estrutura do porão é, conforme Gomes, de pedra de mão e argamassa de cal, formando firmes e grossas paredes.²⁵ Para facilitar o funcionamento da administração, foram instalados dois sanitários e uma pequena copa. Todas as esquadrias de madeira do pavimento possuem encaixe macho-fêmea e algumas portas são do tipo holandesa ou saia e blusa (divididas horizontalmente de modo que a parte inferior e superior podem ser abertas de maneira independente). O porão possui forro e piso em madeira.

O térreo da fachada posterior é o pavimento do sobrado, isso se deve ao fato da casa ser ancorada, ou seja, em dois níveis como as residências da fase açucareira da arquitetura rural paulista e da terceira fase da arquitetura rural mineira, que também aproveitava a meia encosta.

O desnível do terreno foi utilizado para implantar o edifício. Este pavimento, onde está instalado o museu, possui vários ambientes de convívio social, íntimos e de serviço. Atualmente são encontrados quatro acessos na casa (três na fachada posterior) e o principal na lateral direita.



Figura 5 – Solar Monjardim: capela e porão. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.



Figura 6 – Solar Monjardim: fachada lateral direita e posterior. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

Como citado anteriormente, o solar é atualmente um museu-casa, ambientado como uma moradia rural do século XIX, com a distribuição dos cômodos definida a partir dos usos e das noções de convívio social e de privacidade daquele período, tal definição ocorreu na década de 80 do século passado e a pesquisa para reconstituição da residência se deu sob responsabilidade da Ufes, que considerou as características das residências rurais do mesmo período e o nível social de uma família de classe alta.

O guia de visita produzido pelo Ministério da Educação (MEC), pela Ufes e pelo Sphan descreve o mobiliário, os vidros e cristais, as porcelanas e lâmpões. De todo o acervo, é possível afirmar que a cama do quarto do barão pertenceu de fato a ele e foi doada pela família para o museu.

A varanda, fechada com janelas rasgadas com guarda-corpo entalado de madeira, circunda dois lados da casa, garantindo a ventilação e a iluminação através de dez vãos de portas protegidos por guarda-corpos vazados. Ela serve como circulação e permite o acesso à sala de visitas, à sala de jantar e à capela. É importante observar a presença de um pilar na área da capela, simétrico ao da varanda. Como a sacristia e a capela foram ambientes criados após 30 anos da construção do casarão, há de se supor que faziam parte da varanda, que anteriormente à referida reforma tinha o desenho circunscritevente (em três lados da edificação).

A capela e a sacristia foram cômodos criados na residência em 1842 para o padre Diogo Antônio Feijó celebrar as missas. Amigo da família, ele foi deportado depois da rebelião de Sorocaba.²⁶ A capela, ao fundo da varanda, que abrigava a vida religiosa cotidiana dos ocupantes da residência (família, serviçais e agregados), era o local para as cerimônias. Devido à distancia da zona urbana, em fazendas e chácaras, um sacerdote, que também atendia a comunidade dos arredores, vinha celebrar os cultos aos domingos.

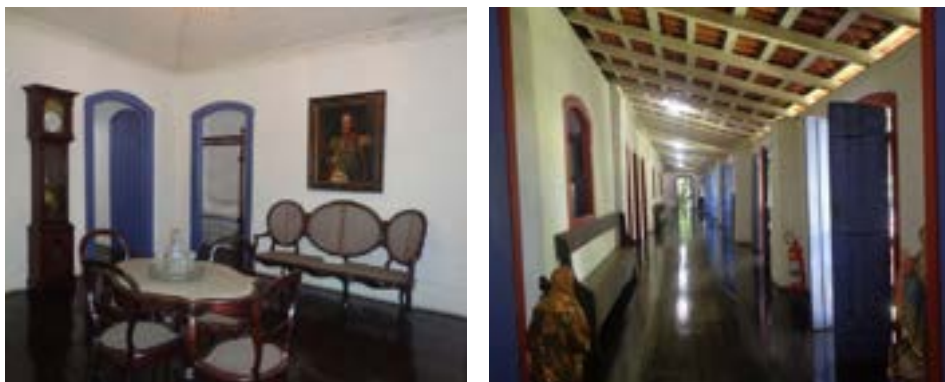


Figura 7 – Solar Monjardim: varanda e sala de visitas. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

A varanda do solar em muito se assemelha às varandas apresentadas em fazendas mineiras do tempo do açúcar e à casa Bandeirista. Lemos a nomeia de varanda entalada e ilustra a solução com imagens da fazenda São Francisco, em Uberlândia, Minas Gerais, da chácara do Quinzinho, em Sorocaba e da fazenda Alves, em São Luís do Paraitinga, ambas no estado de São Paulo.²⁷ Também é encontrado o modelo na muito estudada Casa do Padre Inácio, em Cotia, São Paulo. Tais exemplos corroboram a afirmação de se tratar de um modelo recorrente.

A sala de visitas formava o núcleo da habitação, com a melhor mobília e a mais bonita ornamentação. Esta sala é ladeada por dois quartos (um de casal e o outro de solteiro) e pelo escritório do barão e envolta nos dois outros lados pela varanda para qual possui dois acessos e duas janelas. Seu forro é de gamela, normalmente utilizado em locais de convívio social, conferindo destaque, já que nos outros cômodos, o forro utilizado é do tipo saia-camisinha. A varanda tem a sua cobertura em telha-vã.

A sala de jantar era um espaço de ostentação, ricamente ornada com seus preciosos mobiliários. Com entrada pela sala de jantar, o quarto de hóspedes era reservado a amigos e correligionários. Ambas as salas fazem a articulação dos espaços e dão acesso aos quartos e ao escritório, que pode ter sido mais um quarto, por apresentar uma porta de acesso diferenciada dos demais quartos e semelhante à do acesso principal.

Esse pavimento é constituído por pilares de pedra com argamassa de cal, sendo uma estrutura independente. Os fechamentos são em pau a pique nos compartimentos internos e tijolo maciço cerâmico na varanda e na periferia da construção.

As esquadrias são de madeira com trabalhos de encaixe macho e fêmea, bem diferenciadas umas das outras. O assoalho é todo em madeira com exceção da cozinha, da reserva técnica e da sala de banhos, esta em grani-lite. Gomes acrescenta que, na sala de estar e na sala de jantar, as tábuas de madeira que compõem o piso são mais largas que nos demais ambientes.²⁸



Figura 8 – Solar Monjardim: sala de jantar e escritório. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

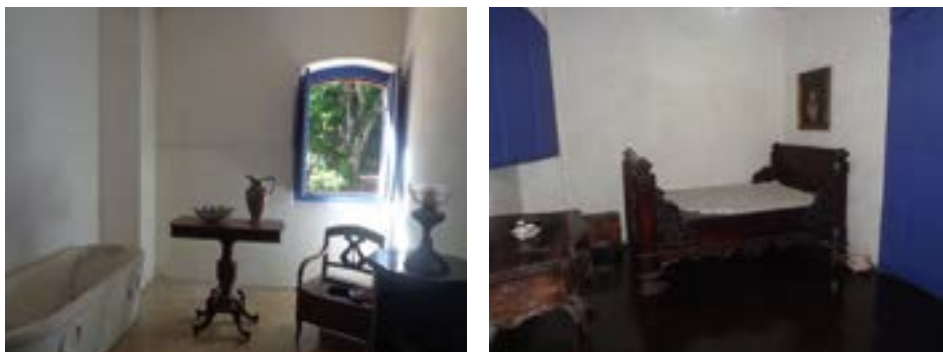


Figura 9 – Solar Monjardim: quarto de banho e quarto do barão. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

O escritório era usado para estudo, escrituração dos negócios e correspondência, sendo um espaço masculino. Do lado oposto da sala de jantar, o quarto hoje nomeado como do barão também possui, como o escritório, ventilação e iluminação indireta pela varanda.

Na concepção da casa, não existia quarto de banho como na maioria das casas rurais. O compartimento de banho só passou a existir nas casas no século XIX, com a entrada de outros materiais. Escolheu-se fazer uma ambientação que mostrasse os artefatos de higiene em conjunto. A banheira em mármore branco importado era uma comodidade só acessível para a elite e chegou ao Brasil apenas no século XX.²⁹

Ao contrário de toda a frente da casa, que se destinava ao encontro formal com o mundo exterior, os cômodos de dormir, situados na parte posterior da sala de estar, eram voltados para a fachada dos fundos. A área íntima era vedada à vista de estranhos. Os quartos de casal e de solteiro possuem janelas geminadas, que podem ser vistas nas Figuras 6, 10 e 12.



Figura 10 – Solar Monjardim: quarto de casal e quarto de solteiro. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

O quarto de hóspedes, situado no corpo da morada, era reservado à hospitalidade para amigos e correligionários. O espaço hoje ocupado pela recepção aos visitantes pode ter sido um quarto de hóspedes. Nas fazendas, a presença do quarto de hóspede era fundamental, tendo em vista o tempo gasto nos deslocamentos. Quando estes eram comerciantes, tropeiros e pessoas não íntimas da família, pernoitavam nos quartos externos, de serviço. Segundo o Museu Solar Monjardim, visitantes ilustres se hospedaram no solar, entre eles o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, o padre Diogo Feijó e o senador Nicolau dos Campos Vergueiro.³⁰



Figura 11 – Solar Monjardim: cozinha e torre sineira. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

Com seu piso em tijoleira cerâmica, indicando uso de serviço, a cozinha era o principal espaço de convivência doméstica da residência. De acordo com o Iphan, em 1972 foi consolidada e substituída a verga de madeira da sineira, e em 1984, na cozinha, ocorreu a substituição dos ladrilhos hidráulicos do piso por lajotões. No pavimento está demarcada também a área destinada à reserva técnica e ao alpendre. A primeira é constituída de três cômodos, sendo dois pequenos, como depósitos junto à cozinha, e o terceiro, maior, com janela e porta para a área externa.

O alpendre faz a ligação da fachada posterior com a sala de jantar. Segundo Rocha, a fachada posterior foi, literalmente, violentada pela colocação da escada de acesso para o alpendre sobre um piso de tábuas corridas que não se justifica numa área externa.



Figura 12 – Solar Monjardim: fachada lateral esquerda e posterior. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

A camarinha localizada no terceiro nível é acessada pela referida escada e composta por um vestíbulo e um amplo quarto. O vestíbulo possui forro do tipo saia-camisa e o quarto, do tipo gamela. A escada em madeira é íngreme e estreita, adaptada ao vão.



Figura 13 – Solar Monjardim: fachada frontal. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

As alvenarias são em pau a pique e as esquadrias se diferem das demais, apresentando caixilho de vidro com o sistema de abertura em guilhotina. A construção da camarinha alterou o equilíbrio horizontal do prédio, visto que ela é deslocada para a esquerda do eixo central, como pode ser observado na Figura 13.

As aberturas do solar possuem vãos com vergas em arco abatido e batente de madeira. Os vãos do pavimento inferior não correspondem ao mesmo ritmo dos vãos do pavimento superior e as esquadrias não estão alinhadas.



Figura 14 – Solar Monjardim: fachada lateral direita e frontal. Fonte: acervo pessoal de Luciana Nemer Diniz, 2017.

De acordo com Gomes, na fachada lateral esquerda havia uma porta que atualmente é uma janela. Na fachada posterior ocorreu o aparecimento de uma báscula, que depois se tornou janela e na mesma fachada uma porta foi fechada e substituída por uma janela. A escada de pedra à direita, que pode ser vista nas Figuras 13 e 14, é o acesso principal da casa. Também de pedra é a calçada que rodeia todo perímetro da edificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Solar Monjardim é um patrimônio para ser conhecido por pesquisadores ao longo de muitas visitas. As incursões desta pesquisadora, iniciadas em 2014, permitiram o aprendizado e ainda se tem muito a observar. A coleta

de dados mais aprofundada no ano de 2017 e as inúmeras visitas para desenho permitiram observar detalhes que a captura da imagem fotográfica deixaria passar pelo imediatismo – desde a cobertura de telhas coloniais, com seu caimento, encachorramento e curtos beirais e a presença da camarinha assimétrica, a fachada até o assente das pedras irregulares do piso. Diversos detalhes das esquadrias (inclusive o desalinhamento) da modulação estrutural e da torre sineira na lateral foram percebidos em suas minúcias.

Do conteúdo neste artigo exposto deve-se apreciar a história da família que residiu e utilizou em toda a sua potencialidade a chácara e a casa nesta aprazível encosta no bairro de Jucutuquara. O casarão, voltado para a baía de Vitória, nesse rincão capixaba é uma lição de história do Brasil Colônia, Império e República. A ambiência reproduzida, o afastamento do murmurinho do centro da cidade, os caminhos, o paisagismo remetem ao tempo antigo, criando uma ambiência adequada à nostalgia, um mergulho no passado.

NOTAS

- 1 Luciana Nemer Diniz é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Departamento de Arquitetura e Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Especialista em arquitetura e urbanismo na área de expressão e maquetes. Líder do Grupo de Pesquisa em Análise e Representação da Forma. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas Transdisciplinares em Artes e Arquitetura e do Grupo de Pesquisas Teóricas em História e Crítica de Arte Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Autora de dois livros e inúmeros artigos científicos, trabalha há 25 anos na área acadêmica. Com experiência em projetos arquitetônicos, atua como orientadora da Empresa Júnior da UFF. Possui graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em engenharia civil na UFF e doutorado em engenharia de produção no Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), da UFRJ. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Ufes. E-mail: luciananemerdiniz@gmail.com.
- 2 SOUZA, Luciene; RIBEIRO, Nelson. *Urbanismo colonial: vilas e cidades de matriz portuguesa*. Rio de Janeiro: PoD, 2009. p. 166.
- 3 BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. *A formação econômica do Espírito Santo: o roteiro da industrialização, do engenho às grandes indústrias (1535-1980)*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987a. p. 46.
- 4 SOUZA, Luciene; RIBEIRO, Nelson. *Urbanismo colonial*, p. 55.
- 5 BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. *Café e modernização: o Espírito Santo no século XIX*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987b. p. 104.
- 6 FARIA, Willis de. Jucutuquara – o Bairro Operário – o início da “Nação” – “a Villa Monjardim”. Disponível em: <<http://deolhonailha-vix.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 fev. 2014.
- 7 GOMES, Lorenza Cosme. *Solar Monjardim: um estudo sobre a arquitetura rural capixaba*. 2005. 140 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Espírito Santo, Vitória, 2005. p. 70.
- 8 ROCHA, Isabel. *Correspondência entre a superintendência regional (ES) e o escritório técnico de vassouras (RJ): unidades do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN*. Vassouras: Iphan, 2004. p. 2.
- 9 GOMES, Lorenza Cosme. *Solar Monjardim*, p. 69.
- 10 MUSEU Solar Monjardim. *Museusbr*, [20--?]. Disponível em: <<https://bit.ly/2wmQYrb>> Acesso em: 18 maio 2014.
- 11 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*. Vitória: MSM, 2000. p. 1.

- 12 FRANCO, Sebastião Pimentel. *Pesquisa e texto*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1986. p. 5.
- 13 FRANCO, Sebastião Pimentel, *Pesquisa e texto*, p. 5.
- 14 *Ibid.*, p. 5.
- 15 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo: Itatiaia, 1974. p. 39-40.
- 16 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 1.
- 17 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 1-2.
- 18 GOMES, Lorenza Cosme. *Solar Monjardim*, p. 69, p. 72.
- 19 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Anamnese*. Vitória: Iphan, 2004. p. 1.
- 20 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 2.
- 21 ROCHA, Isabel. *Correspondência entre a superintendência regional (ES) e o escritório técnico de vassouras (RJ)*, p. 4-5.
- 22 LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 28.
- 23 *Ibid.*, p. 21.
- 24 GOMES, Lorenza Cosme. *Solar Monjardim*, p. 73.
- 25 *Ibid.*, *Solar Monjardim*, p. 73.
- 26 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 5.
- 27 LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista*, p. 105, 129 e 138.
- 28 GOMES, Lorenza Cosme. *Solar Monjardim*, p. 75.
- 29 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 3-4.
- 30 Museu Solar Monjardim. *500 anos da casa no Brasil*, p. 2.